



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

THIAGO ALVES RIBEIRO

O ENCANTAMENTO DAS PEDRAS LITOGRAFICAS: Revelando
o acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba

JOÃO PESSOA

2021

THIAGO ALVES RIBEIRO

O ENCANTAMENTO DAS PEDRAS LITOGRAFICAS: Revelando
o acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba

Trabalho de conclusão de Curso na modalidade artigo apresentado ao curso de Arquivologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título em Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R484e Ribeiro, Thiago Alves.

O encantamento das pedras litográficas: revelando o acervo do núcleo de arte contemporânea da Universidade Federal da Paraíba / Thiago Alves Ribeiro. - João Pessoa, 2022.

31 f. : il.

Orientação: Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Patrimônio histórico. 2. Pedras litográficas. 3. Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB (NAC). I. Nascimento, Geysa Flávia Câmara de Lima. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 930.25(02)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

FOLHA Nº 1 / 2022 - CCSA - CARQ (11.01.13.08)

Nº do Protocolo: 23074.003538/2022-83

João Pessoa-PB, 24 de Janeiro de 2022

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Thiago Alves Ribeiro

O ENCANTAMENTO DAS PEDRAS LITOGRAFICAS: revelando o acervo do núcleo de arte contemporânea da Universidade Federal da Paraíba

Artigo apresentado ao Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Arquivologia.

Data de aprovação: 13 de dezembro de 2021
Resultado: APROVADO

BANCA EXAMINADORA:

Assinam eletronicamente esse documento os membros da banca examinadora, a saber: Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento(orientadora), Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula e Arquivista Lucas Lima Santos(membros).

(Assinado digitalmente em 01/02/2022 18:08)
ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1272602

(Assinado digitalmente em 24/01/2022 13:54)
GEYSA FLAVIA CÂMARA DE LIMA NASCIMENTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 3477244

(Assinado digitalmente em 27/01/2022 09:03)
LUCAS LIMA SANTOS
ARQUIVISTA
Matrícula: 1421146

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: 1, ano: 2022, documento(espécie): FOLHA, data de emissão: 24/01/2022 e o código de verificação: 2223bf887c

THIAGO ALVES RIBEIRO

O ENCANTAMENTO DAS PEDRAS LITOGRAFICAS: Revelando
o acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba

Trabalho de conclusão de Curso na modalidade
artigo apresentado ao curso de Arquivologia do Centro
de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal
da Paraíba como requisito para obtenção do título em
Bacharel.

Aprovada em 13 / 12 / 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a GEYSA FLÁVIA CÂMARA DE LIMA NASCIMENTO
(Orientadora/UFPB)

Profa. Dr^a ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA
(Examinadora/UFPB)

Arquivista LUCAS LIMA SANTOS
(Examinador/UFPB)

AGRADECIMENTOS

À Deus e a minha família, meus pais Edésio e Ivone, minha irmã Thaiz e nossos animais de estimação que tanto nos dão amor: Max, Big, Zazá, Zarô, Sushi, os três periquitos e nossa saudosa Sandy, que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram em todos os momentos, sendo fundamentais.

Aos parentes que estiveram torcendo, ajudando e orando pelo meu sucesso: avós, tios e primos. A minha avó materna Maria dos Praseres (in memoriam).

Aos amigos que construí nesta próspera caminhada na arquivologia, que levarei para sempre, em especial Walterleide, Juliana Deodato, Rayssa Freitas, Aline Lopes, nosso saudoso Daniel Olegário.

As professoras Ana Córdula por tanto empenho e carisma; Julianne Teixeira por sempre estar apta a ajudar e Patrícia Silva pela revolucionária forma de se relacionar com os alunos, pela metodologia fantástica, os papos antes, durante e depois das aulas e pelo convite em construir junto um artigo inovador.

Minha orientadora, Geysa Flávia, pela simpatia, paciência, leveza e por ter aceitado embarcar nesta aventura, minha gratidão e amizade.

E aos demais colegas de curso, professores, funcionários do NAC, COEX, Alex da coordenação do curso de arquivologia e todos aqueles que inspiraram este trabalho.

RESUMO

Os patrimônios são de imensa relevância para uma sociedade. Através deles, pode-se contatar o passado e interligá-lo ao presente, tornando-o fundamental para a perpetuação da história daquele lugar. A partir disto, o presente escrito vislumbra trazer a luz as pedras litográficas, um acervo bastante rico e diferenciado, visto sua raridade, tanto de técnicos quanto da matéria prima usada para confeccionar tal trabalho. Sabendo-se da fragilidade arquitetônica em que se aloja o acervo de pedras litográficas, no núcleo de arte contemporânea da UFPB- NAC, entendemos que ao valorizá-lo e torná-lo mais público através deste trabalho, poderemos ampliar as chances de um melhor resguardo e acondicionamento. Para realizarmos a pesquisa delineamos um caminho metodológico baseado primitivamente em uma pesquisa de campo e bibliográfica, descritiva e qualitativa. Frente a isso, no processo de construção deste trabalho, foi observado de julho até outubro de 2021 o abandono do Núcleo de arte contemporânea-NAC, um casarão muito importante para o nosso patrimônio histórico e arquitetônico local, mas sem um amparo e investimento físico estrutural para suprir as necessidades dos acervos e funcionários ali presentes. Com a pesquisa, busca-se criar um olhar mais atento para as problemáticas ali alicerçadas e após a realização da mesma, percebeu-se o mínimo conhecimento externo da existência das pedras litográficas. Consequentemente foi constatado que o NAC de fato tem condições de resguardar tanta história se passar por um resgate sério e rápido.

Palavras-chave: Patrimônio Histórico. NAC. Pedras Litográficas. UFPB. Pesquisa.

ABSTRACT

Heritage is of immense relevance to a society. Through them, it is possible to contact the past and connect it to the present, making it fundamental for the perpetuation of the history of that place. From this, the present writing aims to bring to light the lithographic stones, a very rich and differentiated collection, considering its rarity, both of technicians and of the raw material used to make such work. Knowing the architectural fragility in which the collection of lithographic stones is housed, in the UFPB-NAC contemporary art nucleus, we understand that by valuing it and making it more public through this work, we will be able to increase the chances of a better protection and packaging. To carry out the research, we outlined a methodological path based primarily on field and bibliographical, descriptive and qualitative research. In view of this, in the process of construction of this work, from July to October 2021 the abandonment of the Nucleus of Contemporary Art-NAC was observed, a very important house for our local historical and architectural heritage, but without support and physical structural investment to meet the needs of the collections and employees present there. With the research, we seek to create a more attentive look at the problems based there and after carrying out the same, it was noticed the minimum external knowledge of the existence of lithographic stones. As a result, it was found that the NAC is indeed in a position to safeguard so much history if it undergoes a serious and swift rescue.

Keywords: Historical Heritage. NAC. Lithographic Stones.UFPB.Research.

1 INTRODUÇÃO

Locais históricos e que costumam preservar seus patrimônios e acervos, sobretudo os arquitetônicos e raros, geram em sua população maior conscientização e respeito pela sua memória e costumes, viabilizando canais relevantes que traçam um relacionamento cultural e artístico com as pessoas, elevando assim o nível de conhecimento e conseqüentemente a longevidade deles.

Halbwachs (2013) que trata a memória como fenômeno consciente, coletivo e intencional, afirma que vivemos e lembramos no meio social e material. Assim, esse histórico se constrói a partir da preocupação do presente em resgatar uma forma de arte projetada para o passado, através de métodos, técnicas, teorias e conceitos relacionados.

Este artigo pertence ao campo de pesquisa denominado Memória gráfica, existem vários estudos em nosso país, investigando a memória do design gráfico, a história da indústria gráfica, desvendando imagens, nomes, obras e técnicas de impressão que costumam ser pouco conhecidas, a exemplo do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba - NAC/UFPB.

Neste trabalho incluímos reflexões sobre as informações que compõem a memória do acervo de pedras litográficas do NAC/UFPB, bem como a problemática de se tratar esse tipo de acervo, devido ao desgaste pelo tempo e falta de recursos. Embora sua memória tenha sofrido algumas perdas ao longo dos anos, seja por questões relacionadas à estrutura física e/ou falta de manutenção e apropriação indébita, esta ainda se mantém como rica fonte de pesquisa da arte contemporânea brasileira.

Para Paes (2004, p. 29), o acervo das pedras litográficas não deixa de ser uma tipologia documental fixada em um estilo de arquivo dentro do NAC/UFPB, pois os documentos podem ser notados através do registro de uma informação, independente da natureza do suporte que a contém, ou seja, podem ser catalogados como:

Escritos ou textuais: documentos manuscritos, datilografados ou impressos; cartográficos: documentos em formatos e dimensões variáveis, contendo representações geográficas, arquitetônicas ou de engenharia (mapas, plantas, perfis); iconográficos: documentos em suportes sintéticos, em papel emulsionado ou não, contendo imagens estáticas (fotografias, desenhos, gravuras etc.); filmográficos: documentos em películas cinematográficas e fitas magnéticas (fitas, filmes etc.); sonoros: documentos com dimensão e rotação variáveis; micrográficos: documentos em suporte fílmico resultantes da microimpressão de imagens, mediante utilização de técnicas específicas; informáticos: documentos produzidos, tratados ou armazenados em computador (disco rígido, disco óptico, fita magnética etc.).

Neste sentido, uma imensidão de suportes e gêneros que nos faz minuciar cada detalhe e riqueza desses acervos raros, os quais nos permitem vislumbrar peças ou materiais que já não se produzem na natureza, ressignificando muitos costumes artísticos antes não valorizados por conta da abundância não mais existente, levando-nos a protegê-los com mais afinco para as vindouras gerações.

O presente artigo aborda uma realidade específica, o acervo de pedras litográficas do NAC/UFPB, trazendo-o ao saber geral e dessa forma transparecer a conjuntura histórica e atual do casarão célebre que o abriga, que já fora a primeira sede do Club Synphonico, fundado em 1902, onde servia de local para ensaios musicais e posteriormente sendo vendida para o Estado. No presente, encontra-se em condições plenamente deterioradas, e incorporado ao patrimônio da Universidade Federal da Paraíba como Núcleo de Arte Contemporânea.

O anunciado NAC, foi originado como se encontra hoje, em fevereiro de 1978 na cidade de João Pessoa, a terceira capital mais antiga do Brasil, com a finalidade de recuperar as artes contemporâneas na Paraíba, através de exposições, oficinas e atividades voltadas ao ensino, pesquisa e extensão.

A inspiração em escrever sobre as pedras de litografia, iniciou-se a partir do estágio de Thiago Alves no NAC/UFPB e pudemos refletir quanto a falta de divulgação e compreensão no que concerne toda riqueza patrimonial, documental e arquivística, em uma dimensão de esquecimento e putrefação. Cogitando uma forma e possibilidade de melhorias (verificando como de fato é custoso o papel do arquivista e daquele que vislumbra o mantimento da arte, cultura e patrimônio), contribuindo para as futuras pesquisas, visto a raridade destas, acerca do citado acervo.

Através disto, surgiu como indagação: Será que os estudantes, professores, pesquisadores e a sociedade paraibana têm conhecimento da existência deste arquivo? Como trazê-lo a memória e ao domínio de todos?

O objetivo principal desse estudo é apresentar as formas de documentação/obras do acervo de pedras litográficas do Núcleo de Arte Contemporânea-NAC/UFPB, assim como a situação da casa e estabelecer o contexto no qual essas imagens eram produzidas, iniciando pela própria técnica: a litografia.

Diante do exposto, nosso percurso metodológico é construído a partir da pesquisa, do tipo campo, bibliográfica e descritiva, e abordou um tema ainda pouco estudado no âmbito da Arquivologia, caracterizando-se, portanto, como de caráter exploratório.

2 OS DOCUMENTOS DE ARQUIVO E A PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO: a importância do acervo das pedras litográficas para o NAC/UFPB

Antes do advento da escrita, o homem já registrava suas rotinas com desenhos e símbolos. Por mais que a evolução desses suportes tenha tornado um a um de seus antecessores defasados, é inegável observar que, teoricamente, o conteúdo informacional permanece e continua a ser fonte de informação.

De acordo com o Arquivo Nacional (2011), o fator decisivo que confere a um documento a sua condição de documento arquivístico é que ele faça parte de um conjunto orgânico e desempenhe uma determinada função ao ser produzido; desta forma, qualquer ação ou acontecimento que se deve comprovar precisa da produção de um documento.

Neste sentido, sempre que adentramos em um arquivo, seja de que tipologia for, somos impulsionados a observar seu valor, conteúdo, origem e sobretudo o legado que ele representaria para a sociedade se estivesse devidamente resguardado e acessível. Os arquivos de guarda permanente, possuem definição objetiva e clara da relevância destes para a disseminação da memória e construção do patrimônio como um “conjunto de documentos preservados em caráter definitivo em função de seu valor” (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

Assim, através da massa documental, o acervo engloba uma memória fixada de toda uma população, (ou até instituições públicas e privadas) em que se encontra inserido através dos costumes, identidades, vínculos e história transcritos em papeis, pinturas, imagens, mídias e todo tipo de suporte que necessitam de uma gestão, conscientização, higienização e restauro constante para que nada se perca com o passar do tempo, das políticas e dos modos humanos que desvirtuem e façam perder essa dinâmica.

Ao mesmo tempo que o arquivo reflete um universo memorial, eles em conjuntura adicionam a importância de todo conteúdo ali firmado para nós, e essa importância é a que traz a medida certa do quanto é precioso e necessário cuidar e fortalecer o sentido de arquivo, onde há muita fonte de informação de imensa imprescindibilidade, o que definiria um vasto patrimônio. Castro (2008, p. 8) deixa exposto a aproximação do arquivo com o sentido de patrimônio quando transcreve “a definição do que é considerado patrimônio, e nisto incluem os arquivos”. Ou seja, ambos pertencem a mesma linha de raciocínio e se completam quanto ao restauro e eternização da história.

Relacionando estas três palavras e digerindo seus significados, podemos ressignificar nossas formas de pensar quando nos deparamos com a amplitude do arquivo, das memórias e

do patrimônio, surgindo um sentido mútuo de que ambos são pontes de um processo em que a história e as memórias de um povo e de uma instituição são marcadas para testemunhar e assim conservar, dar descrição de ocorridos, tradições, culturas e divulgar o patrimônio histórico, cultural, religioso, memorialístico, arquitetônico, de forma materializada e simbolizada em variados suportes, avaliados e selecionados, como espelhos de uma cultura respaldada e tombada patrimonialmente.

Diante do exposto, é perceptível a necessidade da preservação da documentação armazenada nos arquivos, uma vez que os documentos públicos podem e devem ser acessíveis à sociedade. No entanto, é imprescindível a intervenção do Estado no que se refere à organização e salvaguarda, para, posteriormente, tornar o acervo acessível. Portanto, neste país, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 estipula em seu Artigo 23: “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; [...]”

O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 135) traz a seguinte definição para preservação: “Prevenção da deterioração e danos em documentos, por meio de adequado controle ambiental e/ou tratamento físico e/ou químico.” Logo, a preservação documental é de extrema importância, pois visa a proteger os documentos de possíveis degradações que o acervo possa sofrer, sendo necessário a observação da ação dos vários agentes de degradação, que podem ser internos ou externos ao suporte em que se encontra a informação.

Para Bellotto (2014) após o documento cumprir a função para a qual foi criado, ele será preservado para fins de pesquisa, testemunho e patrimônio cultural. Salienta-se que independentemente da finalidade da preservação documental, a manutenção é essencial para manter o bom estado físico do suporte, de forma a evitar a deterioração do patrimônio documental.

Visto isso, o Brasil tem uma imensa diversidade cultural e isso configura uma das nações com mais patrimônios materiais, sejam eles em bom estado ou em deterioração, muitos se encontram tombados e de certa forma protegidos, mas é de nítida percepção o grau de abandono que diversos locais sofrem. Não é diferente em relação a casarões antigos, em sua maioria localizados em áreas não mais tão habitadas, ativando um cenário fantasma com verdadeiros monumentos destruídos. Segundo Choay (2006, p. 26), “O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo”, e lamentavelmente a conjuntura atual é de gradativa perda de identidade histórica e de memória, frente a tanta inércia.

De acordo com a Constituição Federal de 1988:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Já para Duarte Júnior (2006, p. 26) patrimônio é “o conjunto de bens avaliados em dinheiro, relacionando-se simultaneamente às esferas da natureza, da genética, da economia, da nação e, como não poderia deixar de ser, à da cultura”. Costa prioriza o entendimento que é:

[...] a empresa do ser humano relacionada à tríade arte/memória coletiva/repasse de saberes, protegida pelo direito, tendo em vista o princípio constitucional da dignidade, tanto do universo humano, quanto dos indivíduos, ligada à ideia emancipatória de desenvolvimento (2011, p. 28).

Conforme o Decreto-Lei nº 25/1937 que utiliza de seu texto para ditar conceito sobre o patrimônio material:

[...] é o conjunto de bens culturais móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1931)

Entender o patrimônio como interesse público não é suficiente para mobilizar a sociedade, pois ela não percebe seu valor e nem a necessidade de protegê-lo. A identificação com o conhecimento provoca uma alteração na forma de ver e perceber as coisas e o mundo. Portanto, para preservar o patrimônio, ações específicas de proteção devem ser tomadas, de forma que é fundamental que cada indivíduo tenha ciência da relevância do seu patrimônio e como protegê-lo. Além de entender os mecanismos administrativos e jurídicos utilizados para esse fim.

Quando se trata de um arquivo histórico, asseguramos que aquela massa seja bem preservada e de fácil acesso para os usuários, e esta responsabilidade vai além ao se tratar um acervo onde a sua matéria prima entrou em rareza, e conseqüentemente sua história depende de seu resguardo e conservação. Todavia, há um choque sempre quando o local que abriga este

acervo é um belo patrimônio que em sua estrutura se encontra o retrato fiel do descaso, e gradativamente vai refletir nas condições dele.

A reparação destes monumentos, nem sempre é bem recebida por tratar de um trabalho minucioso e que, não deverá constituir no novo trato falsos traços arquitetônicos que fujam da beleza natural daquela construção. De acordo com Cerasi Brandi (2000, p.33) “[...] a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo”.

Dentro desta concepção, é de imensa relevância o papel multidisciplinar em conjunto com a ideia de elevar e tornar sociável aquele ambiente, sem que o mesmo perca sua identidade para algo fora do gênesis e dessa forma tornar o arquivo com sua massa um ambiente apropriado, gerando o mútuo interesse do poder público e da sociedade que percorre um trajeto de menosprezo pelo seu patrimônio, mesmo que de uma maneira involuntária, questão bem lembrada por Gasparini (2005, p. 45), “condenando-o, ainda que de forma inconsciente, à destruição”.

2.1 O NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA: um pouco de história

O Núcleo de Arte Contemporânea-NAC, está alicerçado em um antigo casarão localizado na rua das Trincheiras, centro histórico da capital Paraibana, João Pessoa. Este patrimônio imóvel, histórico e cultural, foi absorvido pela Universidade Federal da Paraíba na longínqua década de 60, mais precisamente no ano da fundação da UFPB, em 1961, pelo então governador do Estado, José Américo de Almeida. Até servir como NAC, a Faculdade de Odontologia da UFPB exercia suas labutas por aqueles corredores, antes disso já serviu como sede de escola normal e diretoria de saúde pública do Estado. O NAC concebido e normalizado pelo Conselho Universitário da UFPB em 1978, tem como desígnio salvaguardar a atividade do estado Paraibano no palco das artes contemporâneas, afora servir de encontro para pesquisadores, oficinas, eventos e cursos. Entretanto nem sempre sua trajetória foi de luz, visto que no início era ponto de convergência para críticos de arte, artistas renomados e grandes exposições, mas no decorrer do tempo, foram inúmeros pedidos de amparo, visto a diminutiva de material, situação crítica das artes na Paraíba, falta de pessoal capacitado e conservação, chegando ao grau de não ter condições seguras de se manter funcionando.

Naquele ano de fundação em 21 de setembro, o Jornal do Brasil redigiu uma nota que dizia: “logo se ligaram três outros paraibanos por ali fixados o pintor e programador visual Raul

Córdula Filho, o artista plástico Francisco Pereira Junior, e o sociólogo Silvino Espínola”, todos localizados na Universidade Federal da Paraíba (PONTUAL, 1978). E as notícias não pararam por aí, pois o Jornal O Globo de 16 de abril de 1979, também reverenciou o surgimento do tão aguardado núcleo:

[O NAC] nasceu da iniciativa do Pró-Reitor para assuntos comunitários da UFPB, professor Iveraldo Lucena ao convidar Antônio Dias e o Crítico Paulo Sergio Duarte, paraibanos ambos, para elaborarem o projeto inicial. Isto em fevereiro do ano passado. Em setembro estava formado o grupo que iria implantá-lo e que inclui além de Dias e Duarte, outro artista plástico e também programador visual, Raul Córdula Filho, hoje coordenador do núcleo. O museólogo Francisco Pereira e o sociólogo Silvino Espínola. (MORAIS, 1979).

Segundo o documento de criação, o núcleo deverá atuar em cinco frentes principais: a) - produção de eventos e amostras que encontram dificuldades de se realizar, seja pela carência de meios locais, seja pelo caráter não comercial do evento; b) – desenvolver palestras, cursos, seminários, levando a elaboração de projetos de pesquisa que envolvam outros departamentos, outros campos de conhecimento e a própria comunidade. Na medida em que servir como experiência a ser multiplicada em outros locais e instituições. (MORAIS, 1979).

Imagem I: Obras em exposição no NAC em 2018



Fonte: Universidade Federal da Paraíba

Por esta esfera, fica corrente que o NAC tem respaldo para conter obras raras, assim como o acervo de pedras litográficas, pois conforme se aprende, é um marco cultural que ainda tenta sobreviver aos desfalques e mesmo assim precisa de mais cuidados, atenção e profissionais voltados a diversas esferas, incluindo arquivistas, museólogos, bibliotecários etc.

O famoso casarão no qual funciona o NAC, sempre esbanjou virtudes, desde o início do século XX, quando era de propriedade do comerciante Sr. Eduardo Fernandes, em que promovia saraus, ensaios de óperas, artes e muita elegância, não à toa que posteriormente a partir de 1909, receberia governantes de todos os lugares e fazia parte da elite local, pois o bairro das Trincheiras era de muita fartura e boemia clássica, junto ao concorrente bairro do Tambiá.

Nada impede que essa glória retorne e nunca se perca, afinal, o próprio NAC luta incansavelmente para que os jovens participem de suas oficinas e criem laços com as artes e cultura, originando nelas um sentimento de respeito e valorização, algo que infelizmente a população vem perdendo nos últimos tempos, por culpa até desses encolhimentos que inviabilizam a manutenção e disseminação de nosso patrimônio e da educação patrimonial.

Imagem II: O casarão em outubro de 2021



Fonte: Google

Em toda sua estrutura há rachaduras, forros caídos, goteiras, paredes com mofos, portas e janelas quebradas, produtos de limpeza, equipamentos e utensílios em geral escassos para o servir dos funcionários e visitantes. Tem um terreno total de quase 2.000m², o casarão foi tombado pelo IPHAEP em agosto de 1980, dois anos depois do NAC surgir fisicamente, pois apenas neste mesmo ano do tombamento, foi que o núcleo recebeu o aval de direito pela resolução de n. 33/80 que garante:

Art.º 1 – Fica criado o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), com a finalidade de estudar, promover e difundir as artes visuais contemporâneas na Universidade e na comunidade em geral, executar e/ou participar de programas interdisciplinares compatíveis com seus objetivos: manter uma infraestrutura de produção e documentação artística ligada ao ensino, a pesquisa e a extensão. Art.º 2 – O Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) tem sede no Campus de João Pessoa, e está vinculado à Pró-reitoria para assuntos comunitários. (UNIVERSIDADE..., 1980a; 1980b).

De fato, é uma relíquia, com divisórias ao estilo clássico do final do século XIX, pé direito alto, amplas janelas, varandas ao entorno, tudo bem desgastado e um belo espaço para o jardim, onde hoje está construído o teatro Lima Penante ligado a UFPB. Como bem escreveu Sarah Falcão em seu blog intitulado de “overmundo”:

A decadência do NAC começou em 85 quando o projeto já não dispunha do apoio financeiro que havia no começo. Além disso, o prédio passou dois anos sem funcionar. Quando aconteceu a reabertura já não havia interesse dos professores e artistas em continuar o projeto. A revolução artística já havia acontecido na cidade. Os fundadores do Núcleo não estavam mais na UFPB. Sendo assim, o projeto ficou abandonado às baratas. Chegando a ponto de exibir exposições de artesanato e cerâmica para as senhoras da “alta sociedade paraibana”. Os artistas locais sem entender o propósito do Núcleo voltaram-se contra o projeto alegando que este não dava vez aos artistas conterrâneos. Sendo assim, selou-se a “morte” do NAC. (FALCÃO,2007, p.07)

Imagem III: Situação do teto em uma das salas até o mês de outubro 2021



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Acervo Thiago Alves,2021

Na imagem 3, observa-se parte do revestimento do teto caído. Funcionários informaram que fora consertado inúmeras vezes, mas sempre volta a cair e permanece, adentrando poeira, água e bichos, em cima de livros e estantes. Como o NAC se localiza em uma via de alto movimento de carros e ônibus, é constante uma poeira negra no material e caixas, independente do quanto se limpe é de fato necessário um maior isolamento dos recintos. Há reforma paliativa sendo planejada para esta área e outras do prédio, com previsão para o ano de 2022.

Imagem IV: Espaço externo do NAC em agosto 2021



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Acervo Thiago Alves,2021

Imagem V: Lateral do NAC em outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Acervo Thiago Alves,2021

Imagem VI: Interior do NAC e entrada para o acervo das pedras litográficas em outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Acervo Thiago Alves, 2021

As múltiplas faces que compõem o NAC, foram se dando conforme as atividades, oficinas e exposições realizadas, assim como, a partir dos materiais resultantes dessas ações e a memória do Núcleo é alimentada por esta fonte diversificada de informação, e essas fontes de informação têm dado uma contribuição significativa para isso. Com o apoio, cooperação e incentivo de órgãos governamentais, doações, entre outros, este acervo se transmuta a cada instante que, um novo documento se aglutina ao restante.

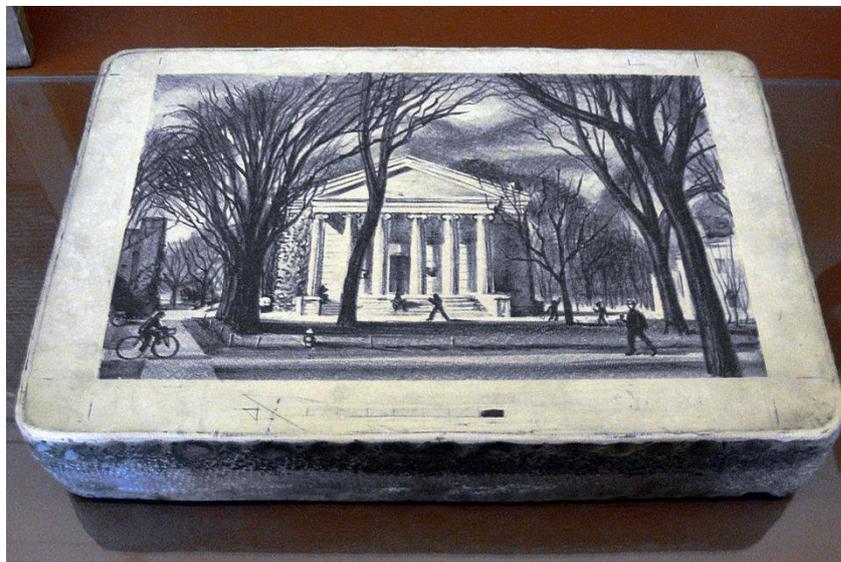
Diante da diversidade de informações e com o desenvolvimento de diferentes técnicas e métodos de organização documental, nos deparamos com um acervo de pedras litográficas, quase em sua totalidade abandonado. Assim, elencamos de maneira geral a situação do acervo de pedras litográficas do NAC/UFPB, por ser um espaço silenciado e esquecido, seja por culpa de seus dirigentes, seja pela política cultural da UFPB, como também por sua sociedade que não (re)conhece seu espaço e seu acervo como parte de seu patrimônio cultural.

3 O ACERVO DAS PEDRAS LITOGRAFICAS DO NAC: descortinando os espaços

A litografia é um meio de impressão centrado na não mistura da água e óleo. Teve seu surgimento no século XVIII, mais precisamente no ano de 1796, através da engenhosidade de um alemão chamado Alois Senefelder, e inicialmente esta forma de reprodução artística, era na pedra de placa do calcário bem lisa e nivelada, vale salientar, que hoje em dia já existem diversos materiais que se dão o uso na arte de gravar, como a madeira, o nylon, o metal etc., mas a que temos em contato é a tradicional, pelas placas de pedra calcária.

No final dos anos 1700, o alemão e ator Alois Senefelder, usou uma pedra que tinha em sua oficina e iniciou o processo de desenho gráfico de letras, cuja matéria prima utilizada além da pedra, foi um verniz gorduroso que arremeteu as áreas descobertas com ácido, transformando-se em um relevo que facilmente receberia a tinta, mas ao avançar no seu experimento ele concluiu que o relevo não seria necessário deixando-se a forma plana.

Imagem VII: Exemplo de pedra litográfica



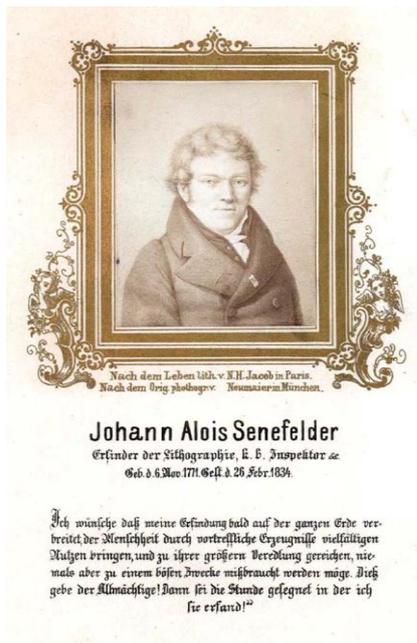
Fonte: Tipografos.net

Os anos foram avançando, ele funda sua gráfica, e conseqüentemente as polêmicas surgem no requisito: originalidade. Assim, a litografia foi ganhando cada vez mais espaço na Europa e no modo de gravar, seja no surgimento de empresas voltadas, como também em registros de obras-primas de grandes mestres como Francisco de Goya e demais artistas de

várias esferas que através deste jeito de projetar, foram usando sua imaginação, acréscimos, cores, ritmos e diversidades. De acordo com o boletim de número 1428 da Universidade Federal de Minas Gerais:

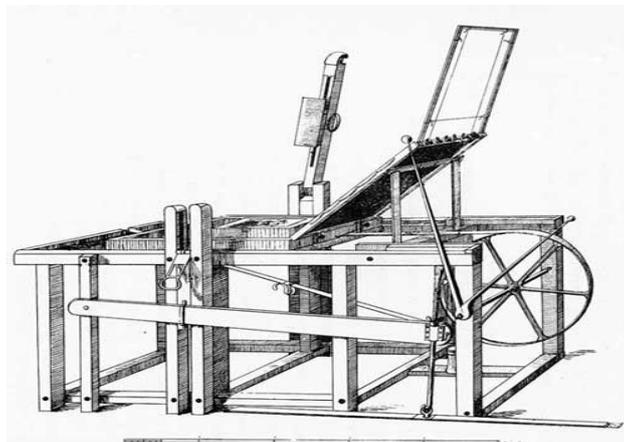
Com suas reservas esgotadas, a pedra litográfica é um material calcáreo proveniente da região da Bavária, Alemanha. A principal característica dessa pedra, que hoje só é encontrada em ateliês de artistas, é a sensibilidade à gordura, essencial para o processo de gravação da imagem. O desenho é feito com materiais formados por partículas gordurosas, como lápis ou crayon litográfico, ou tusche, sobre a pedra que possui uma granulação que possibilita a aderência do material gorduroso. A pedra passa por um processo de gravação química, que deixa a gordura penetrar, criando uma "mancha química" e tornando as áreas sem imagem insensíveis à recepção de gordura. Para reaproveitar a pedra litográfica, basta polir a sua superfície. (UFMG, 2004)

Imagem VIII: Alois



Fonte: Tipografos.net

Imagem IX: Máquina de uso para litografia



Fonte: Tipografos.net

No Brasil não foi muito diferente do restante do mundo, no sentido da explosão das litogravuras, onde como quase sempre a corte trazia essas novidades e servia de impulso para muitos artistas estrangeiros visitarem o Brasil e deixarem suas marcas como o francês Pierre Victor Larée, um dos mais importantes litógrafos da regência. Na terra dos trópicos, o método veio quase que instantaneamente aos países europeus, foi adentrando no contexto comercial

com diversos ateliers, plantas, estampas, mapas e até registros de caráter cômico com as caricaturas, onde até o imperador D. Pedro I possuía sua oficina litográfica em São Cristóvão e o arquivo real militar também teve a sua.

Na metade do século XX, o método foi perdendo espaço para a modernidade a exemplo das impressões industriais, fazendo com que a litogravura caísse em imprestabilidade pelo seu método artesanal e o início da raridade das pedras e prensas litográficas bem como da mão de obra qualificada. Daí para a frente foram surgindo alguns saudosistas que encontravam antigas prensas em ferro velhos, pedras em pisos de jardins e tentavam levar o estilo adiante, mas nada como antes, afinal, a modernidade já demonstrava outros métodos menos arcaicos.

A litografia se tornou algo cult, seja em festivais, ou adentrando em fluxogramas de cursos clássicos e até servindo de inspiração para ministração de aulas, com isto a pedra havia se tornado cara, era muito pesada e foram substituídas por placas de alumínio.

Existe toda uma mecânica para se chegar à finalidade da arte, são etapas minuciosas e bastante interligadas, dessa maneira sempre se necessitou de profissionais para apresentar esta dinâmica em oficinas, mas com o desuso desta representação litográfica, acabou que diminuindo em quase total a quantidade de especialistas. Segue abaixo o roteiro:

A) Limpeza da pedra: lapidando as bordas, granitar com pó de numerações distintas, passar ácido acético. O pó tinha que ser de número 80, 150, 180 e 220;

B) Etapa do desenho: secar a pedra, usar um tipo de goma (arábica) para margear a pedra no mínimo 3 cm, esperar secar a pedra para desenhar, usar o ácido acético a 5% e posteriormente queimar com goma pura;

C) Gravação: usando breu e talco e de acordo com tabela de acidulação que é uma mistura de goma arábica mais ácidos, e dependendo do trabalho, há uma necessidade de usar mais acidulações para maior apuração. Deixar agir por uma hora e meia a acidulação entre três queimas existentes onde na primeira se deve proteger as áreas mais sensíveis com goma pura e acidular. Na segunda queima, tirar a goma com esponja apropriada (litográfica), passando o rolo com tinta e acidular. Na última queima, se retira a imagem ao acidular.

Sobre a acidulação, César Clímaco (2000, p.35) expõe:

Não existe uma fórmula definitiva e única para a acidulação, o que equivale dizer que existe uma fórmula perfeita para cada desenho; portanto, cada desenho exige uma acidulação própria. A pedra pode entrar em choque quando se usa uma acidulação inadequada.

D) Uso da tinta: o preparo dela ocorre no dia anterior, e há uma mistura contendo tinta com verniz, vaselina e carbonato de magnésia;

E) Impressão: renova-se e estica-se bem a goma da pedra e deixa secar, tira a imagem com solvente, passa asfalto líquido sem deixar secar, lavar com água, manter sempre a pedra úmida, entintar e umedecer os papéis para a tiragem e nunca limpar o rolo de borracha com thinner.

De forma sucinta, a pedra geralmente é composta de calcário de espessura 5 cm, bastante lisa e apropriada para este tipo de trabalho, arredonda-se as bordas com uma pedra lima, limpa-se a mesma com grão médio 150 ou pó de areia fina, espalhando ácido acético duas vezes em um intervalo de dois minutos, usa grão fino 220 mais duas vezes, jogando água e posteriormente lixando-a de maneira circular com outra pedra calcária mantida para este fim apagando a imagem anterior, pois pode ser reutilizável. O desenho é feito com um papel colocado em cima da matriz (pedra), feito com um lápis e tinta litográfica, contendo elementos próprios como citado no tópico D acima.

O desenho feito, coloca-se pó de talco (oriundo do mineral) em cima e logo após vem com a acidulação com a goma arábica, isolando as áreas que irão receber tinta. Há um repouso de 24 h e no momento certo derrama-se água rás e alisa de maneira circular, usa-se um rolo com tintagem, lâmina de aço e impressão na máquina, onde se colocam outros papéis em cima da pedra para que o desenho seja reproduzido naquela quantidade. Nesta fase a máquina é girada pelo profissional, as folhas prensadas sob a pedra e conseqüentemente o desenho é reproduzido, estilo a serigrafia em tecido. Vale citar que, se tratando de um procedimento tão trabalhoso, alguns detalhes vão depender de cada artista, como tempo, quantidade, modo de desenhar e lixar etc.

Através desta demonstração, constatamos o grau de preciosidade, minuciosidade e atenção que esse processo exige, sobretudo o indivíduo conter de fato a agilidade, vontade e amor para realizar tal função, um imenso volume de nichos e ingredientes para se chegar a litogravura final. Conseqüentemente, no desuso do costume, não aparecem novos técnicos ou pessoas capazes de passar adiante toda a técnica, nem para nos demonstrar na prática, e juntando com a forma tão precisa e a escassez da matéria prima, as pedras litográficas se revelam mais raras e de necessária preservação.

Ao averiguarmos engenhosa articulação artística, conseguimos enxergar o conjunto de obras primas que o NAC/UFPB tem sob sua responsabilidade, ambos necessitando de cuidados amplos, reforços e melhor apresentação ao público para que todos tenham conhecimento da importância em perpetuar o acervo de pedras litográficas.

No NAC/UFPB, há um arquivo tradicional, com documentos, caixas arquivo, livros e todo um material já visto e revisto, localizado em uma das salas laterais do histórico casarão na rua das Trincheiras, mas ao adentrar no patrimônio imóvel, os visitantes dificilmente se depararão de imediato com o outro arquivo, em que se alojam as pedras, localizado nos fundos da casa. O arquivo não se limita a uma, duas ou três tipologias, mas no núcleo ele se reinventa, se reforça e ganha corpo com uma massa documental em outra vestimenta e característica, mas não menos importante, histórica ou simbólica que os documentos tradicionais.

São 240 (duzentos e quarenta) pedras litográficas de diversos autores como por exemplo: Valdir Santos, Hermano José e Carlos Alberto (Betico), atualmente o único litógrafo existente na região e residente no interior do estado da Paraíba. As mesmas não contêm a assinatura do autor, essa aparece somente na arte impressa.

É averiguado quatro formatos de pedra no núcleo:

- Altura 84 cm e largura 65cm;
- Altura 68 cm e largura 54 cm;
- Altura 43 cm e largura 54cm;
- Altura 36 cm e largura 27 cm.

A escolha das pedras vai desde a sua tonalidade até a resistência, como bem expõe Alice Jorge:

As mais duras existem nas cores que vão desde o cinza escuro e azulado, até os cinzas claros. Porém, encontram-se em maior quantidade as de tons amarelados. Estas são menos duras e se desgastam com maior facilidade, não permitindo trabalhos de grande rigor e delicadeza. [...] Dados que são procedentes de rochas sedimentares, de origem orgânica, aparecem por vezes com manchas, de minerais, na sua composição. São visíveis em alguns casos, marcas na sua textura, veios e grânulos de cores diferentes. Essas pedras devem ser evitadas, dado que podem causar problemas durante a impressão e arruinar um trabalho. (2000, p.110)

As fragas ou pedras do NAC, estão armazenadas em fileiras e de forma que podem causar algum acidente ou até mesmo deteriorar outras que se encontram bastante próximas, na verdade, encostadas umas nas outras. O maquinário está muito desgastado, as estantes com portas quebradas, enferrujadas e tintas mal armazenadas já sem quase utilidade ou validade. Abaixo, algumas imagens que extrapolam a realidade do recinto durante o período de pesquisa:

Imagem X: Arquivo litográfico NAC de julho a outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Acervo Thiago Alves, 2021

Imagem XI: Arquivo litográfico NAC de julho a outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Acervo Thiago Alves, 2021

Imagem XII: Arquivo litográfico NAC de julho a outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Acervo Thiago Alves, 2021

Imagem XIII: Arquivo litográfico de julho a outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Acervo Thiago Alves, 2021

Imagem XIV: Arquivo litográfico NAC de julho a outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: Acervo Thiago Alves, 2021

Imagem XV: Arquivo litográfico NAC de julho a outubro de 2021



Fonte: Dados da pesquisa

Fotografia: Acervo Thiago Alves, 2021

Nas fotos de 10 a 15 tiradas durante a pesquisa, nos meses de julho a outubro de 2021, o arquivo litográfico do NAC/UFPB, se revela de uma forma muito drástica. Enquanto discutimos arquivo, patrimônio, história, memória e conscientização, a maior virtude para seguir com este projeto, foi justamente esta, uma função que acima de tudo é social e de alerta. Por mais que muitos funcionários, pesquisadores e artistas que por ali passaram tenham vociferado por égide, nada mais justo e nobre que expor em forma de pesquisa acadêmica para que muitos jovens tenham acesso e passem a agregar maior conhecimento da atual realidade do patrimônio de nossa cidade, assim como também de seus arquivos e preciosidades que por seguinte acarretam as dores do esquecimento.

Como descrito anteriormente, o maquinário, como a prensa, que poderia servir a oficinas ou até mostruário, se encontra em péssimas condições, idênticos aqueles encontrados em ferros velhos no século passado. Armários quebrados, sujos, paredes úmidas e até com vegetação implantada, e total falta de segurança, assim se encontra o acervo das pedras litográficas do NAC/UFPB.

Diante deste contexto, constatamos que tanto o NAC quanto seus arquivos e relíquias, são de suma importância para nossa sociedade e trajetória, tanto um quanto o outro pode se reerguer e voltar a refletir às gerações suas ricas artes e culturas, de diversas formas,

minuciosidades e raridades, ambos são fortes espaços de encontro e dinamismo, impulsionando em voz alta que nosso patrimônio está vivo e continuará, mesmo que tenhamos que aguardar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discorremos a magnitude que um patrimônio conservado pode ter, seja em agregar memória, identidade, revelar costumes antigos, resguardar meios e modos de arte, histórias e acima de tudo consciência da importância de sua existência, não só para a pesquisa, mas para a vida em geral. Constatamos a necessidade de mais pesquisas que levem ao externo o sentido e a significância de constituirmos percursos unitários e salubres para o transcorrer da proteção de nossa identidade.

Desenvolver um trabalho de conscientização e valorização de um patrimônio é uma forma de fortalecer as memórias de um povo. A salvaguarda desse patrimônio, está, portanto, orientada para a valorização do ser humano, para garantia e para melhoria das condições sociais, culturais e ambientais que permitem sua existência.

Frente o incalculável benefício que o NAC/UFPB e o acervo de pedras litográficas têm para a nossa sociedade, seja em educar, expor e cuidar, notamos a legítima carência em divulgar estas problemáticas para que em algum lugar, em determinado cidadão surja a firme disposição de encarar a solidão de quem guerreia por causas tão necessárias. Neste caminho, indicamos o uso das redes sociais como manifesto e representatividade, assim como para a afirmação de que há vida dentro daquelas velhas e decaídas paredes, espalhando conscientização, palestras, vídeos constatando a conjuntura e dialogando com estudantes e antigos frequentadores.

Anelamos que, com a porta aberta por esta pesquisa, novos trabalhos sejam construídos, e que contenham as benfeitorias conquistadas, seja na matéria tocante, palpável deste patrimônio, como também no que se refere a conquista educacional com mentes atentas e mãos fortes na iminência do fazer acontecer e do perpetuar. Apontamos este estudo para os que anseiam saber mais sobre a real situação do NAC e seus acervos, para a ampliação da necessidade do recriar, renovar, refazer e reabrir.

Ficou nítido que poucos indivíduos têm conhecimento da existência do acervo das pedras litográficas. Através de nossa indagação inicial, e durante a rotina da pesquisa, seja no local ou até no Campus universitário, discentes, docentes e servidores em geral, desconheciam por quase sua totalidade o arquivo das pedras.

Neste sentido, a partir da riqueza iconográfica presente na coleção de pedras litográficas do Núcleo de Arte Contemporânea-NAC/UFPB marcada pela técnica, artistas, temáticas e períodos históricos, chamamos atenção para relevância desse patrimônio inexplorado, intensificando seu valor como objeto de reflexão do conhecimento, sobretudo entregando uma inquietação perante o descaso que o NAC enfrenta, em todo o seu esqueleto, como um grito desbravador e estridente por mãos e olhares que o alavanque e reposicione no cenário das artes, da cultura e da história.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). Gestão de documentos: curso de capacitação para os integrantes do Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo – SIGA, da administração pública federal. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

A Litografia inventada pelo checo Aloysius Senefelder (tipografos.net)2007. Disponível em: <(tipografos.net)> Acesso em 05 set.2021.

ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs.). **Patrimônio e memória: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010 [2003].

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso em:03 set. 2021.

BRASIL. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <www.legislacao.presidencia.gov.br> Acesso em: 03 set. 2021.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de: Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2006. 288 p.

CLÍMACO, César Teatini de Souza. **Manual de litografia sobre pedra**. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

COSTA, Rodrigo Vieira. **A dimensão constitucional do patrimônio cultural: o tombamento e o registro sob a ótica dos direitos culturais**. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2011

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010

DUARTE JÚNIOR, Romeu. **Produção arquitetônica, cultura e patrimônio: a arquitetura cearense**. Aspectos: Revista do Conselho Estadual da Cultura e do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, Fortaleza, v. 25, p. 26-35, 2006.

FALCÃO, Sarah. **Um gigante adormecido**. 2007. Disponível em: <www.overmundo.com.br/overblog/um-gigante-adormecido> Acesso em: 03 set. 2021.

FERREIRA, A.B. de H. **Miniaurelio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7.ed. rev. conf. acordo ortogr. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. 896p.

GASPARINI, Audrey. Tombamento. In: _____. **Tombamento e direito de construir**. Belo Horizonte: Fórum, 2005. cap. 3, p. 41-70.

Glossário de Técnicas Artísticas (ufrgs.br) 2012. Disponível em: < Glossário de Técnicas Artísticas (ufrgs.br) > Acesso em: 04 set. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JORGE, Alice; GABRIEL, Maria. **Técnicas da gravura artística: xilogravura, linóleo, calcografia, litografia**. 2a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

Litografia - A arte proveniente da pedra - Gravura Contemporânea Disponível em: <Procurou por pedras litográficas - Gravura Contemporânea (gravuracontemporanea.com.br)> Acesso em 03 set.2021.

LITOGRAFIA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <Litografia | Enciclopédia Itaú Cultural (itaucultural.org.br)> Acesso em: 03 de setembro de 2021. Verbete da Enciclopédia.

MateuPavandeMouraLeite.pdf (seo.org.br) 2004. Disponível em: <MateuPavandeMouraLeite.pdf (seo.org.br)> Acesso em: 05 set.2021

Memória e patrimônio: temas e debates [recurso eletrônico] / Eduardo Roberto Jordão Knack; Maria Letícia Mazzucchi Ferreira; Rita Juliana Soares Poloni (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MORAIS, Frederico. Antônio Dias: **Não acho mais graça no público das próprias graças**. O Globo, Rio de Janeiro, 16 abr. 1979. RACIn, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-29, jan.-jun. 2013. Disponível em: <Microsoft Word - racin_v1_n1_artigo01 (brapci.inf.br)> Acesso em:03 set. 2021.

Patrimônio: Lazer & Turismo - Revista Eletrônica - UNISANTOS 2000. Disponível em:<Patrimônio: Lazer & Turismo - Revista Eletrônica - UNISANTOS> Acesso em: 04 set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. História e arte na rocha. Boletim número 1428 2004. Disponível em: <UFMG> Acesso em 03 set.2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CONSEPE. Resolução n. 33, de 08 jul. 1980. João Pessoa: UFPB, 1980a. RACIn, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-29, jan.-jun. 2013. Disponível em: <Microsoft Word - racin_v1_n1_artigo01 (brapci.inf.br) > Acesso em:03 set. 2021.